



Eleições Municipais 2024

Com o mau desempenho dos candidatos progressistas, o presidente Lula deve ser o maior derrotado do segundo turno, ainda que não tenha se envolvido intensamente nas disputas, mesmo em São Paulo. O PL bolsonarista pode conquistar 10 prefeituras

O segundo turno e a opção pela direita

» LUIZ CARLOS AZEDO

Minervino Júnior/CB/D.A. Press



Partidos do Centrão e da direita devem repetir o bom desempenho do primeiro turno, que não tem nenhum candidato progressista favorito nas pesquisas

Cerca de 34 milhões de eleitores estão aptos a votar neste segundo turno das eleições municipais. Vão às urnas em 51 municípios brasileiros com mais de 200 mil habitantes, dos quais 15 são capitais. São Paulo, com 9,3 milhões de eleitores, tem a disputa mais nacionalizada: o prefeito Ricardo Nunes (MDB) concorre à reeleição com o apoio do governador Tarcísio de Freitas (Republicanos) e do ex-presidente Jair Bolsonaro (PL). Chega ao dia da eleição como franco favorito. Guilherme Boulos (PSol), seu adversário, é apoiado pelo presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT). Somente uma virada histórica dos eleitores paulistas poderia mudar esse rumo.

Com seções eleitorais abertas a partir das 8h, também vão às urnas Belo Horizonte (MG), com 2 milhões de eleitores; Fortaleza (1,7 milhão); Manaus (1,4 milhão); Curitiba (1,4 milhão); Belém (1 milhão); e Goiânia (1 milhão). Com menos de 1 milhão de eleitores estão Aracaju, Natal, Porto Alegre, Campo Grande, João Pessoa, Porto Velho, Cuiabá e Palmas. As eleições transcorrem em ambiente de tranquilidade, exceto em Manaus, Fortaleza e Caucaia (CE), onde o Exército foi mobilizado para garantir a segurança do pleito.

Goiânia, Belém, Porto Alegre, João Pessoa e Aracaju têm eleições praticamente definidas, segundo as pesquisas. Em Goiânia, com apoio do governador Ronaldo Caiado (União), Sandro Mabel (União) consolidou sua vantagem em relação a Fred Rodrigues

(PL), apoiado pelo ex-presidente Bolsonaro. O pano de fundo dessa disputa é a liderança da oposição ao presidente Lula nas eleições de 2026. Em Belém, capital paraense, Igor Normando (MDB), candidato do governador Hélder Barbalho (MDB) e aliado

de Lula, é amplamente favorito contra o deputado Éder Mauro (PL), apoiado por Bolsonaro.

Em Porto Alegre, o prefeito Sebastião Melo (MDB) deve derrotar Maria do Rosário (PT), o que reforça as posições do MDB nas capitais. Em João Pessoa, Cícero

Lucena (PP) leva vantagem em relação ao ex-ministro da Saúde Marcelo Queiroga (PL), aquele da pandemia, aliado de Bolsonaro. Em Aracaju, porém, Emília Corrêa (PL), apoiada pelo ex-presidente, deve derrotar Luiz Roberto (PDT), outro governista.

Nas demais capitais, há empate técnico entre os candidatos, mas são favoritos Paulinho Freire (União), em Natal, contra a petista Natália Bonavides (PT); e Fuad Noman (PSD), em Belo Horizonte, que deve derrotar Bruno Engler (PL). A disputa

em Fortaleza está acirradíssima, com vantagem para André Fernandes (PL) em relação a Evandro Leitão (PT). A situação se repete em Cuiabá, entre o favorito Abílio Brunini (PL) e Lúdio (PT).

O presidente Lula será o grande derrotado do segundo turno, ainda que não tenha se envolvido intensamente nas disputas, mesmo em São Paulo. O PL deve amealhar 10 prefeituras neste segundo turno, duas em cada região do país. O União Brasil, provavelmente, nove: três no Nordeste e no Sudeste, duas no Centro-Oeste e uma no Sul. O PSD não repete o desempenho do primeiro turno, é favorito em sete grandes cidades, sendo quatro no Sudeste, duas no Sul e uma no Nordeste. Na quarta posição vem o MDB, com a joia da coroa, São Paulo, e mais cinco cidades: duas no Sudeste, as outras no Norte, no Centro-Oeste e no Sul.

O Podemos deve conquistar quatro prefeituras, à frente do PT, Republicanos e PP, com três cada. PSDB e PDT elegerão dois prefeitos; o Avante e o Novo, um cada. PL e União Brasil devem ser os grandes vitoriosos do segundo turno, o que mostra uma clara opção dos eleitores das grandes cidades brasileiras pelos partidos de direita. De certa forma, a divisão entre a centro-direita, representada pelo União Brasil, e a extrema-direita, pelo PL, não é só um confronto entre o governador Ronaldo Caiado, que pretende disputar a Presidência, e o ex-presidente Bolsonaro, que ainda imagina que pode derrubar sua inelegibilidade. Reflete também o esgotamento da política de frente de esquerda do PT, o que fragiliza o presidente Lula.

Emenda pix prevalece sobre Lula e Bolsonaro

» EVANDRO ÉBOLI
ESPECIAL PARA O CORREIO

O país volta às urnas neste domingo para definir o comando das últimas 51 prefeituras. Estão em jogo hoje o futuro de 15 das 26 capitais e de mais 36 municípios grandes e relevantes. Uma eleição marcada por algumas novidades, como uma briga por espaço na direita, que está sendo entendida como um "racha" nesse campo político. As duas principais lideranças do país — o presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT) e seu antecessor Jair Bolsonaro (PL) — influenciaram pouco no primeiro turno e, nas cidades menores, prevaleceu a força das emendas parlamentares, dinheiro público que elegeram e reelegeram aliados de políticos que controlam essas verbas.

Contrariando previsões pré-período eleitoral, Lula e Bolsonaro não reinaram como os grandes padrinhos desse tabuleiro, ainda que seus respectivos partidos até tenham algum saldo positivo. O PL, que conquistou até agora 510 prefeituras, pode sair vencedor em seara petista como o Nordeste, onde disputa o segundo turno, por exemplo, em Fortaleza (CE). O PT vislumbra voltar a administrar uma capital, com chances em Fortaleza, Cuiabá e Natal. No primeiro turno, o domínio

da direita e da centro-direita prevaleceu. Os partidos que levaram o maior número de prefeituras carecem de um líder nacional, não têm nomes para disputar o Palácio do Planalto em 2026. O PSD aparece como o campeão e abocanhou 878 cidades, desbancando o MDB, com 847 prefeitos eleitos. Na sequência, aparece o Centrão em massa: PP (743), União Brasil (578) e Republicanos (430).

O PL de Bolsonaro, que apregoava conquistar 1,5 mil prefeituras, levou 510. E o PT, que estimou conquistar de 400 a 500 administrações, elegeu 248, terminando em nono lugar nesse ranking, mas, pelo menos, foi melhor que nas disputas anteriores. Neste segundo turno, PT e PL prevalecem na corrida eleitoral e são os partidos com maior número de candidatos concorrendo. O PL tem nomes na disputa em 23 cidades e o PT, em 13.

A força do dinheiro mostrou seu poder no pleito. A verba pública que jorra das emendas parlamentares ajudou a reeleger 90% dos prefeitos das 180 cidades mais beneficiadas com esse recurso, mapeadas pela Controladoria-Geral da União (CGU). Esses prefeitos eleitos e reeleitos se beneficiaram e fizeram uso político das chamadas emendas

Reprodução Redes Sociais



Bolsonaro fez campanha em Palmas, onde o cenário é de empate técnico

pix, aquelas que não são submetidas a qualquer critério de transparência e são de difícil rastreabilidade. Deputados e senadores destinaram esses recursos e, assim, garantiram base eleitoral nos grotões para suas reeleições em 2026 ou para outras pretensões políticas.

Isoladamente, a eleição fez despontar alguns nomes. Se

confirmada a vitória de Ricardo Nunes, do MDB, em São Paulo, o governador Tarcísio de Freitas, do Republicanos, será o principal vencedor, ao bancar o nome do emedebista mesmo nos momentos de susto na campanha, quando o atual prefeito se viu ameaçado por Pablo Marçal, do PR-TB, e chegou a estar em terceiro nas pesquisas. Quando viu esse

cenário, Bolsonaro abandonou o barco de Nunes, acenou para o influenciador e, depois, voltou a aderir ao emedebista, mas enfraquecido. Na esquerda, a reeleição consagrada de João Campos (PSB), em Recife, com 78% dos votos, e o coloca como grande destaque nesse lado do espectro político.

Extremos em baixa

Para o advogado eleitoralista Guilherme Barcelos, os campos da esquerda e da centro-esquerda foram os grandes derrotados nestas eleições. "Basta ver os resultados eleitorais nas capitais e os resultados em grandes cidades brasileiras anteriores. Mas, é preciso registrar, houve um fenômeno que despontou neste pleito, até inesperado: a volta dos espectros da direita e da centro-direita, com o retorno, e com força, de partidos como o PSD, União e outros, que obtiveram êxitos consideráveis país a fora. A dita extrema-direita, ainda que siga tendo o seu espaço, deixou de sufocar os ditos campos mais moderados deste espectro político", avalia Barcelos, integrante da Academia Brasileira de Direito Político e Eleitoral (Abredep).

Na opinião de Marina Atoji, diretora do Transparência Brasil,

abertas as urnas no primeiro turno, constatou-se que as cidades mais contempladas com emendas pix registraram índice de reeleição de seus governantes superior ao do restante do país. O Transparência Brasil tem uma posição bastante crítica em relação à existência dessas modalidades de emendas e aponta falta de controle nos repasses.

"O uso dessas emendas tem gerado uma distorção em relação à reeleição. Quem já está no cargo e postulando novo mandato tende a ganhar porque tem a máquina a seu favor, o que já é uma vantagem dada. E com o aporte vultoso das emendas, principalmente nos municípios, fica mais livre para aplicar esse recurso em ações de maior visibilidade e vira um componente de publicidade, de propaganda mesmo. A emenda pix é um financiamento de campanha indireto", disse Marina Atoji ao Correio.

Para Rodrigo Reis, do Instituto Global Attitude, existe a percepção de que Lula foi "tímido" no apoio a seus aliados, comportamento que foi alvo de críticas internas no PT. "No entanto, é preciso lembrar que, no segundo turno, o PT está na corrida em 13 municípios, incluindo quatro capitais, que são Cuiabá, Fortaleza, Porto Alegre e Natal", disse ele.